

Relato de Experiência

Insubordinação das mulheres frente ao assédio moral no trabalho

Vinícius Eduardo Gama¹, Murilo Carvalho Monteiro², Vanderléia de Lurdes Dal Castel Schlindwein³

¹ <https://orcid.org/0000-0002-3753-9486/> Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil.

² <https://orcid.org/0009-0004-6581-1960/> Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil.

³ <http://orcid.org/0000-0002-5728-5161/> Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, Rondônia, Brasil.

Resumo

O artigo traz reflexões de escutas clínicas realizadas numa clínica-escola da região amazônica com demandas de sofrimento relacionadas ao trabalho. A prática de experiência em Clínica do Trabalho (CT) faz parte do estágio supervisionado do curso de Psicologia de uma instituição pública de ensino superior. Foram atendidas duas trabalhadoras, com idades entre 31 e 41 anos, durante o período de nove meses. Ambas tinham ensino superior completo e desenvolviam atividades no serviço público, uma em um setor da administração e outra numa entidade de fiscalização de exercício profissional. Na escuta clínica, foram utilizados dispositivos ao desenvolvimento de um processo terapêutico acolhedor, transferencial e político, capaz de questionar o assujeitamento psíquico às situações de violência e assédio moral, numa perspectiva de gênero no trabalho. Observou-se entre as trabalhadoras uma sujeição dos corpos femininos à servidão no trabalho, sobreposta às funções domésticas, familiares e de gênero. O caráter político e social da Clínica do Trabalho se opõe a esse modelo assujeitador das relações de poder e dominação de gênero no trabalho, reposicionando-as perante sua demanda, transformando de alguma maneira a situação de subordinação imposta por chefias autoritárias, machistas e abusivas.

Palavras-chave: Clínica do Trabalho, Gênero, Trabalho, Assédio Moral.

Insubordination of women in front of moral harassment at work

Abstract

The article brings reflections on clinical listening carried out in a teaching clinic in the Amazon region with work-related suffering demands. The practice of experience in Clinical Work (TC) is part of the supervised internship of the Psychology course at a public institution of higher education. Two workers, aged between 31 and 41 years old, were assisted during the nine-month period. Both had completed higher education and carried out activities in the public service, one in an administration sector and the other in a professional oversight entity. In

Submissão: 04/07/2023
Aceite: 20/05/24
Editora Responsável: Liliam Deisy Ghizoni
Editora de Leiaute: Gracilene Paiva Araujo
Editora Administrativa: Thamyris Pinheiro Maciel

Como citar este artigo: Gama, V. E., Monteiro, M. C. & Schlindwein, V. L. C. (2024). Insubordinação das mulheres frente ao assédio moral no trabalho. *Trabalho (En)Cena*. 9 (contínuo), e024015. 1-18. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e024015>

clinical listening, devices were used to develop a welcoming, transference and political therapeutic process, capable of questioning psychic subjection to situations of violence and moral harassment, from a gender perspective at work. Among the workers, female bodies were subject to servitude at work, overlapping with domestic, family and gender roles. The political and social character of the Labor Clinic opposes this subjective model of power relations and gender domination at work, repositioning them in response to their demands, transforming in some way the situation of subordination imposed by authoritarian, sexist and abusive managers.

Keywords: Work Clinic, Moral Harassment, Gender.

Pensar a relação entre mundo do trabalho (coletivo) e mundo individual significa encarar as contradições e percebê-las enquanto uma estrutura complexa, que coloca sobre o trabalhador a constante necessidade em criar estratégias de adaptação/sobrevivência frente a um contexto permissivo para quem domina e castrador para quem se assujeita. As denúncias inscritas na história recente acerca das más condições de trabalho e de inseguranças coletivas sobre a saúde mental, possibilitam a construção de uma consciência sobre as limitações existentes na produção das subjetividades no trabalho. Questionar o modelo neoliberalista em protesto por uma maior atenção à existência daqueles que o regem não é uma demanda recente. Oposições frente a essa soberania têm sido pilares essenciais em um processo metodológico-prático que busca compreender as relações de trabalho, os mecanismos de dominação e os impactos disso sobre o indivíduo.

Sendo a atividade humana a força motora de subsistência e permanência dos indivíduos em um grupo socialmente organizado, as marcas deixadas por esse lugar de coletividade também estarão presentes na tradução de certos processos individuais. De forma que, constituir-se enquanto ser identitário perpassa inevitavelmente pelas relações estabelecidas no âmbito do trabalho, identidade, desejo, satisfação, frustração, passam pelo emaranhado das interações entre meio-indivíduo, trabalho-trabalhador (Grenier-Pezé, 2017).

O convívio organizacional e as relações hierárquicas estabelecidas nesse contexto submetem trabalhadores e trabalhadoras a solitárias vivências de assujeitamento, impondo o próprio ritmo individualista como estratégia de silenciamento e neutralização de mobilizações coletivas (Grenier-Pezé, 2017). O entendimento da precarização como problemática trabalhista perpassa desde as longas jornadas de trabalho, realizando tarefas repetitivas, até a instabilidade dos relacionamentos interpessoais que favorecem um ambiente hostil e propício às disputas de poder e formas de violência, que em sua maioria hostilizam mulheres e grupos socialmente mais vulnerabilizados que ali estão inseridos (Organização Mundial da Saúde [OIT], 2018). A naturalização de certas práticas nesses espaços passa por um processo de dissimulação das relações de trabalho, a permissividade institucional sobre formas de assédio ainda assume

narrativas do natural ao cotidiano, tendo início em comportamentos extremamente sutis, socialmente normalizados e incentivados pelo próprio sistema.

Esse contexto expõe os trabalhadores a situações humilhantes e constrangedoras no ambiente de trabalho em uma incidência crescente, sendo necessário, caracterizar essas condutas como assédio moral, sendo conceituado como toda e qualquer conduta abusiva que se manifesta por comportamentos, palavras, atos, gestos ou escritos que possam trazer danos à personalidade, à dignidade ou à integridade física e psíquica de uma pessoa, pondo em perigo o seu emprego ou degradando o ambiente de trabalho. Essas condutas são frequentemente repetitivas (principalmente no contexto do serviço público), na qual os agentes ou servidores excedem os limites das suas funções, tendo por objetivo ou efeito atingir a autoestima, a evolução na carreira ou a estabilidade emocional da vítima (Tribunal Superior do Trabalho [TST], 2019).

Vários autores corroboram no entendimento de que há necessidade dos profissionais e dos pesquisadores que atuam com essa problemática ter a clareza e a compreensão sobre o assédio moral (Soboll, 2015, Heloani & Barreto, 2013, Heloani, 2022). Há o entendimento de que o assédio se caracteriza por ações de perseguição ou de isolamento, por comportamentos insistentes, ofensivos e rudes, evidentes ou sutis, manifestos por gestos, mensagens escritas ou procedimentos gerenciais, envolvendo a dimensão objetiva-subjetiva. Isto significa que a percepção dos atos hostis envolve os sentimentos da pessoa de ter sido humilhada e afetada na sua dignidade, de si mesma e perante o grupo de relações no trabalho. Soboll (2015) esclarece que, quem tem um comportamento deliberado ou inconsciente e age de modo a incitar a hostilização, como o agressor, muitas vezes não percebe sua conduta agressiva, até pode não ter a intenção de causar danos, mas o faz.

Para Dejours (2019), intervir frente às formas de assédio moral relacionado ao trabalho exige o entendimento sobre a dinâmica desigual que permeia o trabalho para homens e mulheres, ressaltando a necessidade de uma reflexão prévia sobre desigualdades de gênero e trabalho feminino, onde a trabalhadora direta ou enfrenta indiretamente o eterno paradigma de inferiorização e redução ao próprio corpo. Dejours (2017) afirma que um espaço majoritariamente comandado por figuras masculinas exerce um impacto diferente sobre a mulher, que convive constantemente com a insegurança de ser submetida a diferentes formas de violência, estando vulneráveis e desamparadas em um sistema que tem por sua natureza a prevalência do viril e o detrimento do afeminado.

Conforme consta no recente levantamento realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), no ano 2022, 46,7% das mulheres brasileiras sofreram alguma forma

de assédio sexual, sendo esse o maior percentual já registrado pela pesquisa desde sua origem em 2017. Assim como o aumento geral dos casos de assédio ao longo desse tempo, as sete classificações utilizadas na pesquisa para identificação e mapeamento dos casos seguiram o mesmo ritmo, interessante perceber como as cantadas ou comentários desrespeitosos no ambiente de trabalho (18,6%) surgiram como a segunda forma mais recorrente de assédio sofridos por mulheres no Brasil, ficando atrás apenas de cantadas ou comentários desrespeitosos enquanto andam na rua (41,0%).

Pensando que depois da rua o espaço que as mulheres mais passam por situações de assédio é o trabalho, dizer que a precarização do trabalho feminino é mais sinônimo de abusos e violências do que para os homens não é contrassenso. A reprodução de comportamentos repetitivos, como forma velada de assujeitamento e humilhação, incentivam a perversidade do sistema que sabe da impossibilidade da garantia de direitos com a autodemissão, utilizando disso para obter a subordinação induzida de indivíduos. Esse esquema de manipulações através das relações de poder não é exclusivo do trabalho, pelo contrário, é o reflexo de uma sociedade que se estrutura em cima da dominação, e cabe aqui dizer dominação masculina, levando em conta que a experiência feminina no mundo do trabalho finda por acompanhar o processo de inferiorização da mulher já instaurado no social, mecanismo facilitador de assédios no ambiente de trabalho. O desamparo institucional vivenciado pelas trabalhadoras, se une a vulnerabilidade social que esse grupo estruturalmente já enfrenta perante uma comunidade capitalista opressora e patriarcal, permitindo que assediadores se utilizem das leis hierárquicas do serviço, e da sociedade, para perpetuar o medo e a subordinação feminina nas entrelinhas das relações de trabalho (Grenier-Pezé, 2017; Da Costa et al., 2012).

A incidência pós-pandêmica acerca das temáticas que discutem e problematizam saúde mental na atualidade, somado ao modelo mercadológico que abusa da despersonalização como mecanismo de isolamento e submissão, têm reafirmado essa conjunção laboral como um dos pontos centrais no estudo acerca da subjetividade e das interações entre indivíduo e meio social. Com toda essa dinâmica de domínio/submissão, se torna notável que os aspectos psíquicos têm sido afetados durante esse processo, impactando assim a saúde mental e qualidade de vida de trabalhadores e trabalhadoras. Nesse sentido, o espaço clínico se localiza como um potente interlocutor entre o indivíduo e as transformações do seu tempo, levantando dúvidas acerca das concepções atuais de trabalho e buscando compreender as relações que ali se estabelecem, especialmente perante uma sociedade que tenta se restabelecer após um momento de tamanha insegurança e medo, como foi durante a pandemia da Covid-19 (Soares et al., 2022; Freitas et al., 2022).

Nessa perspectiva a Clínica do Trabalho (CT) surge a partir da concepção de que o trabalho desempenha forte influência na vida intrapsíquica do indivíduo, pois, essencialmente, contribui na construção e fortalecimento da subjetividade e identidade do indivíduo enquanto sujeito no mundo, sendo o trabalho, fonte de prazer e sofrimento, aparecendo como fator constitutivo de adoecimento e (ou) de saúde mental. Ser um trabalhador envolve valores, costumes e práticas que regem como o esse indivíduo é reconhecido socialmente, a validação inerente ao fazer profissional é um dos pilares centrais na dinâmica do homem capitalista. Entender tal importância ressalta a necessidade de unir essa discussão a da saúde mental no trabalho, promovendo espaços de articulação que questione as condições de trabalho causadoras de sofrimento e posicionamentos frente às opressões da máquina-capital, criando defesas e articulações para a construção de um ambiente de trabalho que respeite seus trabalhadores. Nesse processo, a utilização da ferramenta de escuta se faz uma potência para compreender o que o paciente vivencia dentro e fora desse ambiente, e posteriormente, possibilitar elaborações do sofrimento e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e reposicionamento diante desses conflitos (Dejours, 2017).

O artigo propõe refletir sobre as experiências de escutas clínicas realizadas numa clínica-escola da região amazônica com demandas de sofrimento relacionadas ao trabalho. A proposta integra os atendimentos realizados no estágio Supervisionado em Saúde do Trabalhador e Clínica do Trabalho oferecidas à comunidade desde 2015, contribuindo para a escuta qualificada nos casos em que as queixas psicológicas estejam relacionadas ao trabalho. As experiências nestes serviços têm mostrado que basta perguntar como se sente no trabalho para que o trabalhador(a) possa falar da sua atividade, desencadeando crises de choro e de ansiedade a partir da intervenção psicoterapêutica da Psicodinâmica do Trabalho (PdT) (Merlo, 2014; Moraes & Amaral, 2018; Schlindwein et al., 2019, Silva & Schlindwein, 2021).

Conforme exposto, a escuta compreensiva permite que se crie um espaço de resgate para as singularidades, potencializando ações emancipatórias com trabalhadoras diante daquilo que mobiliza o sofrimento e desestabiliza a capacidade psíquica de resistir às pressões, do excesso de estímulos, informações e a necessidade eminente de evitar e/ou mascarar o sofrimento humano diante de situações hostis no trabalho. Por fim, a proposta de uma escuta-clínica considera a relação do sujeito com o mundo, sua historicidade, e os impactos disso ao nível psíquico, social e político, se preocupando com as novas formas de precarização e/ou organização do trabalho, capazes de imprimir e normalizar práticas violentas até entre as atividades mais cotidianas de trabalho, causando proporções danosas ao corpo-psíquico para aqueles que experienciam tal realidade.

Método

Trata-se de um estudo de Relato de Experiência (RE) de dois atendimentos realizados com mulheres no Serviço de Psicologia Aplicado (SPA), clínica-escola de Psicologia de uma instituição pública de ensino superior. Através dos estágios supervisionados no último ano de formação e outras iniciativas junto à pesquisa e extensão, o SPA buscou atender às demandas de maneira contínua, promovendo saúde e democratizando o acesso aos serviços da psicologia à comunidade. Tanto Chronos quanto Rita (nomes fictícios por questões éticas) foram inseridas no serviço através do Plantão Psicológico desenvolvido pela clínica em 2022, atendimento de caráter emergente e pontual que serviu como porta de entrada para os dois casos.

Após o plantão, as pacientes foram direcionadas para a continuidade dos atendimentos junto a Clínica do Trabalho (CT), que articula a proposta clássica de intervenção psicanalítica em elaboração do sofrimento por meio da palavra, com as propostas de contextualização trazidas pela Psicodinâmica do Trabalho (PdT), permitindo que através da relação terapêutica transferencial o paciente consiga compreender o contexto ao qual está inserido e a partir disso se reposicionar diante de seu conflito (Freud, 1914/1990; Mendes, 2007). A proposta abre espaço terapêutico à fala-escuta do sofrimento que se origina a partir de vivências passadas e presentes nos meandros das interrelações (visíveis/ invisíveis); naturalizados pela opressão, preconceitos e ideais de mercado capitalista no contexto da vida social e reproduzidas no trabalho. Com isso, permite que o sujeito elabore e ressignifique processos traumáticos presentes na singularidade de um sujeito.

Após cada sessão de atendimento aos pacientes eram realizadas as supervisões, que eram seguidas de discussão dos diários de atendimento com as sessões transcritas conforme os registros do estagiário-clínico. Neste espaço de aprendizagens o supervisor-clínico mobilizava dispositivos necessários à interpretação das nuances e aspectos contraditórios presentes nas defesas e resistências do paciente, como da compreensão dos afetos mobilizados nas vivências subjetivas que ocorrem no setting terapêutico. Também na supervisão se avançava nas leituras teóricas necessárias para a compreensão entre subjetividade-trabalho presente na experiência na Clínica-escola.

Os atendimentos às pacientes foram de setembro de 2022 a maio de 2023, totalizando 18 atendimentos com Chronos e 18 atendimentos com Rita durante a prática de estágio supervisionado. Os encontros eram semanais e duravam uma média de 50 minutos. Durante todo o processo terapêutico foi utilizada a prerrogativa da livre associação de ideias (método catártico), conceito psicanalítico baseado na vazão do fluxo inconsciente, e se buscou a

construção da relação transferencial entre paciente e terapeuta, entendendo que através desse laço a interpretação sobre os sintomas viria gradualmente ao manejo com os dispositivos clínicos, demanda, elaboração-perlaboração, construção de laços e interpretação, referenciados dentro da CT e da PdT (Freud, 1895/1994; Mendes & Araújo, 2012).

Dos procedimentos éticos no SPA, no primeiro atendimento os pacientes recebem dois documentos (Termo de Ciência do Serviço de Psicologia Aplicada e o Termo de Aceite - Pesquisa Científica), com informações dos objetivos do serviço e procedimentos do atendimento, após os devidos esclarecimentos o paciente dará ou não assentimento para uso de dados de seu atendimento na produção de conhecimento científico, garantindo o sigilo de seus dados de identificação. Após assinatura seguem os procedimentos técnicos e a preparação para o setting terapêutico de acolhimento no serviço.

Para análise do diário de atendimento utilizou-se o princípio da análise temática de Bardin (2011). Partindo-se da divisão do texto em unidades de significado, possibilitando a construção de uma compreensão psicológica acerca das vivências no trabalho. Sendo assim, a técnica permitiu, uma análise das sessões e supervisões ao constituir um sentido para cada discurso, construindo um elo entre as situações vividas na história de vida e na trajetória laboral, mobilizadas no sofrimento no espaço de fala-escuta entre aluno/clínico-paciente.

Resultados e discussão

A escuta de Chronos: “O trabalho é muito abusivo e isso tem comprometido minha saúde física e psicológica”

Chronos é uma mulher de 41 anos, formada em contabilidade e empregada no serviço público há 8 anos. Atualmente se encontra inserida dentro da administração pública em saúde e durante a pandemia continuou trabalhando intensivamente. Divorciada há 5 anos, Chronos relembra com pesar as situações que viveu durante o relacionamento, o ex-parceiro foi aos poucos se mostrando uma pessoa extremamente controladora e abusiva, durante os anos juntos ele apresentou comportamentos como esconder suas roupas e proibir o contato com pessoas de sua família, sendo uma grande conquista para ela o fato de ter conseguido se desvincular dessa relação. Desde então Chronos vive grande parte de seu tempo sozinha, mora somente com a companhia de seus animais de estimação, faz visitas à família duas vezes ao mês, frequenta aula de dança durante a semana e quando consegue, passa um tempo com amigas. Chronos procura por atendimento psicológico após uma palestra sobre saúde mental em seu serviço, a cerca de

um ano ela vinha manifestando sintomas alérgicos por todo o corpo (inchaço, vermelhidão, roxos e desconfortos sensoriais), o que a levou a procurar vários especialistas para descobrir o que estava acontecendo. Após muitas investigações clínicas ninguém conseguiu chegar a um diagnóstico que explicasse os sintomas, o encaminhamento que a maioria dos médicos acabaram lhe dando foi para que buscasse por acompanhamento psicológico e psiquiátrico. Seu histórico de passagens médicas anterior às alergias conta com um episódio isolado de internação após um “mini derrame” (Sic), que durante os atendimentos se identificou a relação com uma situação de estresse vivida em seu trabalho da época. Com a escuta clínica foi possível elaborar as situações traumáticas vivenciadas no casamento e na vida profissional, de forma que ela conseguiu relatar as situações de violência psicológica enfrentadas durante cada período.

Sua história pessoal é marcada pela superação a situações de desamparo, na infância e adolescência precisou lidar com idas e vindas de diferentes figuras paternas, a mãe teve 5 filhos (três filhas e dois filhos) com companheiros distintos, o último parceiro da mãe na época conseguiu estabilizar a situação financeira da família, ela se lembra de terem uma boa relação com o padrasto, mas por conta e algumas questões de saúde ele acabou falecendo. Após esse período a mãe se casou novamente, porém dessa vez a relação acabou afetando negativamente a vida das filhas, o novo padrasto era alcoólatra e apresentava comportamentos agressivos, isso acabou influenciando no declínio do padrão de vida que elas levavam, pois, a mãe passou a precisar trabalhar o dia inteiro para sustentar a família, enquanto Chronos e as irmãs passaram a cuidar dos dois irmãos mais novos e da casa. A partir disso, Chronos foi submetida a situações recorrentes de violência sexual e física por parte do padrasto, ela acredita que as irmãs também passaram pela mesma situação apesar de nunca ter chegado a falar sobre com elas ou com ninguém, a situação só cessou quando ela conseguiu finalmente sair de casa.

Chronos chegou no atendimento com a demanda de compreender melhor a situação das alergias, mas, além disso, veio para relatar a violência a qual foi submetida dentro do seu local de trabalho. Conviveu diariamente com violências verbais, assédio moral, coação administrativa e precarização das relações de trabalho nos últimos 4 anos. O assédio foi protagonizado pela figura do chefe imediato no setor, que diariamente usava de sua posição hierárquica para constranger, hostilizar e perseguir os trabalhadores do local. Desde que essa pessoa chegou na chefia do setor Chronos passou a se sentir extremamente ansiosa, seja pelos comentários agressivos, pelas mentiras que eram disseminadas a seu respeito ou pela tensão iminente de que algo ruim pudesse acontecer, como de fato chegou a acontecer quando ele lhe mandou várias mensagens com ofensas e ameaças após ela não fazer algo de seu interesse. Essa situação trouxe um teor de hostilidade generalizada para seu ambiente de trabalho, onde ela

nem ninguém conseguia reagir ou sair em defesa de outros pelo receio de piorar a situação. Passou a conviver com o sentimento constante de perseguição, ganhou cerca de 20kg por conta de comportamentos compensatórios na alimentação, situação que acabou abalando sua autoestima e a fazendo reviver antigos traumas.

Chronos relata que perdeu completamente a vontade de ir trabalhar, de se relacionar com as pessoas do serviço e até mesmo de viver, quando chegou ao extremo de ter ideias suicidas quando pensou em se jogar do prédio após um pico de grande estresse e sobrecarga. “Tive vontade de correr e me jogar do prédio”; “A mais de 10 anos não tiro férias de verdade” (Chronos). O sentimento de esgotamento é concomitante a de dificuldade de dormir, apresentando um fluxo de pensamentos acelerados e uma falta de concentração nos estudos, tendo prejuízos em seus trabalhos da pós-graduação e da segunda graduação em andamento. Os sintomas são característicos de um esgotamento generalizado com nexos causais no ambiente trabalho, a sobrecarga e o assédio moral normalizados a cultura organizacional sendo fatores de precarização do trabalho e adoecimento da trabalhadora. Ao longo dos atendimentos a hipótese diagnóstica de *Síndrome de Burnout* foi investigada e confirmada, com a exaustão física e emocional, a despersonalização, o isolamento e a perda de interesse no trabalho sendo identificados em seu discurso, assim como o processo alérgico psicossomático associado a essa experiência negativa (Dejours, 2017; Grenier-Pezé, 2017).

A escuta de Rita: “Eu normalizei o assédio”

Mulher de 34 anos, formada em economia, empregada por meio de cargo comissionado em um serviço administrativo de fiscalização de exercício profissional do setor de saúde, trabalhando de forma presencial durante a pandemia. Descreve-se ao aluno-clínico como mãe solteira, que mora sozinha com sua filha de cinco anos. Verbaliza ao longo das sessões que tem encontrado dificuldades em construir relacionamentos duradouros com parceiros: se tornou mãe de dois filhos aos dezesseis anos e, por motivos financeiros, não teve condições para mantê-los e morar com eles, tendo que decidir ceder a guarda dos filhos para o pai, que mora em outro estado. Posteriormente, se relacionou com outro homem, com quem gerou uma filha, que atualmente tem 5 anos. O último companheiro não pretende ter contato com a filha e não oferece suporte, e, por conta disso, Rita cuida sozinha de uma criança que necessita de tratamentos especiais por conta de um tumor.

Além disso, seu núcleo familiar é complexo e distante de sua vida, visto que possui uma relação complicada com a mãe e seu pai pouco emergiu na sua fala. A mãe, nessa relação, nunca

se fez presente e não dava suporte à Rita em nenhuma ocasião, tratando-a diferente da irmã, com quem tinha mais proximidade. Rita relata nunca ter se sentido amada, apoiada ou desejada, e sente que a mãe descontava as mágoas nela. Por conta desses conflitos, saiu de casa precocemente, passando a viver por conta própria, percebeu atualmente a necessidade de retomar esses vínculos e encontrar suporte na rede de apoio familiar, se reaproximando primeiramente da sua irmã.

Rita procurou atendimento psicológico por se sentir sobrecarregada ao tentar conciliar trabalho, mestrado e pós-graduação. No trabalho, seu chefe disse que ela precisava de terapia por conta do “temperamento desequilibrado no trabalho” (Sic), comportamentos explosivos e conflitos com os colegas de trabalho, essa retórica se repetia frequentemente nas tensões no trabalho. Rita relatou sentir-se sobrecarregada, não tendo tempo para si mesma e nem suporte emocional e financeiro, além de ter que cuidar da sua filha e sentir saudade de seus filhos distantes. Ela desabafa: “Mas, ao mesmo tempo, eu não consigo me controlar, pois as pessoas me provocam. É como se soubessem que eu sou ‘fogo’, e eles sentem vontade de jogar ‘gasolina’ [grifo dos autores]” (Rita).

No trabalho, Rita frequentemente vivencia uma violência contínua e sistemática, por meio de gritos de seu chefe, agressões verbais e cobranças sucessivas, por mensagens e telefonemas ofensivos dentro e fora da sua jornada de trabalho. Na relação com o chefe, reconheceu, por meio dos atendimentos e dos relatos que ela mesma trouxe, o assédio sofrido nos últimos anos no trabalho, sendo constantemente colocada como temperamental e instável em relações que destruíam sua autoestima e autoconfiança. Ela possui uma relação próxima com o chefe e, sentia gratidão pelo cargo comissionado concedido, entretanto estabeleceu-se uma relação de subordinação, humilhações e servidão visto que, o medo de perder sua fonte financeira era utilizado como mecanismo de manipulação e subordinação à chefia. Nessa dinâmica, qualquer situação de descontrole que ocorria dentro do ambiente de trabalho, os colegas utilizavam como motivo para chantagem e fofoca, causando conflitos e “ativando” os gatilhos para que a chefia justificasse uma demissão. Situação que provocava culpa e sentimentos de desamparo subjetivos à Rita. Sobre isto ela diz: “O trabalho me salvou acima de tudo, mas a que custo?”; “O trabalho acabou com a minha sanidade mental” (Rita).

Ela relata não sentir mais prazer no trabalho, sentindo um pânico (crises) só ao pensar no mesmo e chegando a chorar por não querer voltar àquele ambiente hostil e deletério da sua saúde psíquica, além de não conseguir dormir, se sentia constantemente exausta e estressada (esgotamento), desanimada, apresentando agressividade, irritabilidade e comportamentos de

isolamento. Além disso, não conseguia se dedicar ao mestrado e à pós-graduação na qual estava realizando, relatando não conseguir ter foco e completar raciocínios.

Nos atendimentos, Rita verbalizou assédios, reconheceu violências, invalidações no ambiente de trabalho (violência de gênero), sua chefia utilizava aspectos da sua subjetividade como método perverso para controlá-la e manipulá-la. Usava das características pessoais para humilhá-la e constrangê-la perante seus colegas e para, principalmente, desestabilizá-la. Ela chegou a ouvir depreciações de si, ameaças e agressões verbais, como: “burra e incompetente”; “recebi gritos no trabalho a minha vida inteira”; “sou odiada por meus colegas de trabalho. Eles falam mal do meu temperamento (...)” (Rita).

Resistências e enfrentamento de mulheres frente ao assédio moral no contexto do trabalho

Ambas as trajetórias de vida de Chronos e Rita são atravessadas por situações de violência e assédio moral no trabalho, nas narrativas é possível traçar algumas similaridades no modus operandi dos que operam o assédio moral (superiores hierárquicos), através de atos hostis os quais atingem e ofendem aquelas que eram alvo. Após o evento elas passam a ter uma percepção difusa de ter sido afetada, humilhada e depreciada diante de seus colegas. Soboll (2015) explica que esse sentido ainda não elaborado envolve os sentimentos da pessoa de ter sido humilhada e afetada na sua dignidade, afetando sua autoestima e autoconfiança perante o grupo.

Esta realidade adentra e fere o psiquismo humano, fazendo com que se sintam exigidas e até culpadas por não serem resilientes (Heloani, 2022). Os efeitos das violências que elas passaram a ter que conviver para manter sua fonte de renda e subsistência, vai aos poucos desestabilizando as redes de apoio relacionais no trabalho, visto que passaram a ser excluídas e julgadas pelos seus pares. Uma realidade de isolamento no ambiente de trabalho que fez vez de enfatizar um desamparo já conhecido, onde em suas trajetórias pessoais elas foram marcadas por situações de abandono e relacionamentos abusivos, encontrando no mundo do trabalho uma dinâmica que as revitimiza frente a traumas já enfrentados no passado (Dejours, 2017).

Chronos, traz relatos de abusos por parte do padrasto durante a infância e adolescência, motivo pelo qual procurou sair de casa ainda muito jovem, anos depois durante o casamento foi submetida a novas violências por parte do cônjuge. Já Rita, com dezesseis anos, teve que assumir todas as responsabilidades pela criação dos dois filhos e, atualmente, com a terceira filha, vem tendo que lidar com toda responsabilidade financeira e afetiva que lhe é demandada. Com todas essas atribuições e responsabilidades, suas relações sociais passaram a ser quase que

exclusivamente exercidas dentro do ambiente de trabalho, afinal fora de lá não contavam com qualquer rede de apoio concreta, já que tanto Chronos quanto Rita romperam com seus núcleos familiares ainda na juventude.

Outro aspecto de semelhança entre elas, é a extensa jornada de trabalho, que chegava até 10 horas diárias, o restante do tempo usavam para dar continuidade na formação profissional e na realização das tarefas domésticas. Chronos, realizava uma pós-graduação na área da formação e tinha uma segunda graduação em andamento. Já Rita, tentava conciliar o trabalho com um mestrado e uma pós-graduação. Esse fator de sobrecarga, a qual ambas se submetiam, revela essa predominância que a vida profissional delas assumiu sobre as outras esferas de suas vidas, já que nos tempos de lazer precisam se desdobrar para dar conta das pendências acadêmicas, dos afazeres domésticos e no caso de Rita com o trabalho de cuidado materno.

As múltiplas jornadas e o acúmulo de tarefas trazem a problemática da mulher protagonista de muitos papéis e responsabilidades na cena contemporânea. Seus percursos singulares flexibilizaram-se na ocupação de diversas esferas. Por um lado, os esforços na manutenção de um trabalho melhor remunerado possibilitaram autonomia e permitiram a elas estabilidade financeira. Por outro lado, o sofrimento emerge entre a história pessoal e a busca de validação profissional, atravessada pela subordinação a situações de violência e assédio moral que repercutiram negativamente em sua saúde física-mental.

Um aspecto importante das escutas-clínicas é de que nenhuma delas tiveram as funções suspendidas ou adaptadas ao formato on-line durante a pandemia da Síndrome Respiratória Aguda Grave Causada pelo vírus (SARS-CoV-2). Estudos realizados por Silva, Cardoso, Abreu e Silva (2020) apontam que o novo Coronavírus apresentou-se não somente como uma questão de saúde, mas evidenciou as assimetrias sociais, dentre elas as de gênero, como a violência e a sobrecarga de trabalho, tanto domésticas como no ambiente de trabalho. A Organização Mundial da Saúde [OIT] (2018) já alertava quanto aos efeitos da precarização do trabalho, das longas jornadas e da instabilidade nos relacionamentos interpessoais, favorecem um ambiente hostil e propício a formas de violência contra a mulher. Tal situação é constatada pela pesquisa divulgada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023), constatou que houve um aumento dos casos de assédio sofrido pelas mulheres no Brasil nesse período.

Não se pode desconsiderar que Chronos e Rita trazem depoimentos à clínica do trabalho de relações de trabalho insuportáveis e reativas à sua subjetividade, denunciando o assujeitamento e humilhação que suas chefias (masculinas) imprimem sobre as mulheres nos seus trabalhos. Observa-se que há uma naturalização deste modo de operar as relações hierárquicas, utilizando do poder sobre elas para impor intencionalmente ou não uma violência

difusa, hostil, coercitiva e aos poucos desestabilizadora de suas defesas e resistências. “Quem a mandou iniciar a terapia foi seu chefe, por conta do temperamento que estava tendo no trabalho, pois disse que ela era uma ótima profissional, mas que estava precisando se controlar” (Rita).

Observa-se que o esquema de manipulação da chefia se estrutura em cima da dominação, e melhor esclarecendo, da dominação masculina. Este mecanismo passa a facilitar o assédio e violência no ambiente de trabalho sobre a mulher, de modo que o sistema capitalista é opressor e patriarcal, permitindo que assediadores se utilizem das leis hierárquicas das chefias, para perpetuar o medo e a subordinação da mulher nas entrelinhas das relações de trabalho (Grenier-Pezé, 2017, Da Costa et al., 2012). Rita assente a essa compreensão: “Sabe, tecnicamente, eu poderia contribuir muito por lá, mas parece que eles não querem saber disso. Lá é um ambiente tóxico, machista, e só querem saber de fofocas e das outras pessoas. As pessoas são machistas. O [chefe] é machista, ele não me leva a sério” (Rita).

O impacto de tais comportamentos autoritários não se restringe apenas aos relatos das pacientes, mas se ampliam a todos que também dividem o ambiente de trabalho com essas pessoas, em vários momentos é possível perceber o clima de hostilidade geral que se instaurou nas instituições. Chronos, por exemplo, aborda sobre isso quando diz:

[...] as pessoas do meu atual trabalho não são pessoas com quem faço questão de ter uma relação, são pessoas que se cumprimentam e se respeitam, mas não faço questão de ser próxima [...] não fui para a confraternização, pois eu já passo a semana lá não queria gastar meu final de semana com aquelas pessoas que me fazem tanto mal (Chronos).

Dessa maneira, fica claro como a precariedade das relações de trabalho impactou não só o serviço, mas também a vida pessoal das pacientes. A relação de Chronos com satisfação pessoal e realização profissional, por exemplo, se tornou inexistente no trabalho atual “tem dias que acordo e penso: eu vou ter que ir para aquele lugar e conviver com aquela pessoa, me tirou todo meu prazer pelo trabalho, toda a vontade de fazer meu serviço” (Chronos). Para além do profissional, Chronos relata ter chegado ao ponto de pensar em tirar a própria vida, quando após uma situação de coação impetrada pelo superior entrou em uma crise ansiosa e pensou em se jogar do alto do prédio “eu nunca pensei que fosse capaz de pensar em tirar a minha própria vida, e isso aconteceu, se não fosse eu voltar para a realidade quando uma pessoa passou e falou comigo, talvez eu nem estivesse mais aqui” (Chronos). Ela traz um sentimento de impotência e falta de sentido, mas percebe-se ao longo das sessões o desejo de mudanças no seu trabalho,

justifica que somente passou a ter ideias suicidas nas situações extremas de sobrecarga e ansiedade.

É recorrente nas sessões das duas histórias, a sobrecarga, a solidão e o medo (dos outros e de não conseguir manter a performance exigida), as trabalhadoras acabam por estar sujeitas a utilização de álcool e antidepressivos, seja para se manter concentradas na atividade, seja para conseguir desacelerar e dormir, agravando as patologias de sobrecarga e indo além dos limites do corpo fisiológico e psíquico. Rita diz: “Eu acho que preciso encontrar minha saúde emocional. Antes os problemas surgiam e eu descontava na bebida. Era só jogar álcool em cima e resolvia, mas a conta chega” (Rita). Já Chronos expõem uma situação que envolve uso de medicações, sem especificar quais eram: “fiz um concurso no último final de semana e que estava tranquila, porém não consegui me preparar tão bem por não estar bem para estudar, perdia a concentração muito facilmente e não estava conseguindo dormir mais de 3 / 4 horas por dia, geralmente após tomar alguns remédios” (Chronos).

Sobre estas narrativas, Dejours (2017) considera quando o trabalhador está sujeito a condutas abusivas, se encontra fragilizado e seu empoderamento é neutralizado, despersonalizando a identidade da vítima nesse processo, tendo dificuldades de preservar a sua integridade enquanto se encontra no processo de subordinação na hierarquia dessas relações, fortalecida por questões de gênero nas quais as mulheres são excluídas de espaços majoritariamente culturalmente masculinos. Dessa forma, a situação hostil no trabalho torna-se um fator amplificador da solidão, no qual cada uma está por conta própria e busca formas de resistir, gerando um engajamento desmedido no trabalho, resultando no aumento de patologias de sobrecarga.

Considerações finais sobre a potência da escuta clínica à mulheres em situação de violência no trabalho

Com base nos resultados do estudo, a intervenção realizada por escutas clínicas numa clínica-escola da região amazônica a mulheres com demandas de sofrimento relacionada ao trabalho contribui não apenas para a formação acadêmica dos estudantes de Psicologia, mas também para o papel desta na construção de conhecimentos pautados em ações de atenção e escuta do sofrimento mental relacionado à situação de violências ou assédio moral no ambiente de trabalho numa perspectiva de gênero.

A proposta de uma escuta-clínica no serviço-escola do curso de Psicologia de uma universidade superior e pública da região amazônica considera a relação do sujeito com o

mundo, do cenário pandêmico, dos traumas que não cessaram de aparecer e desenvolver-se no nível psíquico, social e político intensificados por novas formas de precarização e/ou organização do trabalho capazes de imprimir uma violência sutil e invisível, com proporções danosas ao corpo-psíquico aos que experienciam.

Conforme exposto, a análise-clínica buscou através dos dispositivos utilizados no processo terapêutico, acolher mulheres no seu sofrimento e oferecer um suporte através da fala do vivido na sua história de trabalho. Assim, as mesmas puderam rememorar os acontecimentos e lembranças encobertas pela dor proporcionando “[...] mudanças na posição subjetiva e política das trabalhadoras e nas suas relações sociais [...]”, transformando a percepção delas sobre suas experiências, reconhecendo o sofrimento e proporcionando a escolha de estratégias defensivas mais saudáveis e subversivas às situações violentas vivenciadas (Amaral, 2018, p. 59).

Também auxiliar essas mulheres a reconhecerem as violências e assédios contínuos nesse contexto se torna uma tarefa desafiadora, sendo necessário buscar uma interpretação capaz de desculpabilizar a vítima. Por conta do assujeitamento dessas relações, há um processo de despersonalização e perda da autoestima própria, e se passa a viver em função do trabalho, sem momentos de descanso e lazer, dando espaço para a exaustão, a sobrecarga e o stress. Nesse cenário, o trabalho aparece como fator de adoecimento, por conta da falta de valorização pessoal e reconhecimento nesse meio, deixando de ser fonte de prazer e satisfação pessoal.

Os relatos dessas trabalhadoras, vítimas de assédios e violências psicológicas, somadas à falta de rede de apoio, denuncia a alienação e a dominação de seus corpos no trabalho, reforçando as defesas construídas por conta de suas dinâmicas pessoais, apresentando dificuldade de estabelecer limites e comunicar às condições apropriadas no trabalho, acrescentado aos sentimentos de invalidação do seu sofrimento.

O caráter político e social da Clínica do Trabalho se opõe a esse modelo assujeitador, reposicionando o trabalhador perante sua demanda, transformando o sofrimento em ação intencional e contextualizada, criando um espaço crítico, constituindo estratégias de enfrentamento e combatendo a dessubjetivação, pois o trabalho é subjetivo e o sofrimento do trabalhador deve ser humanizado. Nesse fazer político, ao questionar o assujeitamento, o trabalhador desestabiliza as formalizações cristalizadas deste modelo de trabalho, sendo a escuta clínica um instrumento de insubordinação perante à essas condutas abusivas, apontando os incômodos e problematizando para que mudanças sejam disparadas e novas formas de ação possam emergir nesses espaços.

Assim, a proposta da escuta clínica do trabalho é ação política de enfrentamento às desigualdades das relações de poder e dominação de gênero no contexto do trabalho, uma vez

que também é mais um espaço de empoderamento dessas mulheres, uma vez que se mostraram determinadas a cumprir suas vontades e enfrentar de alguma maneira a situação de subordinação imposta por chefias autoritárias e abusivas. Todavia, as evidências científicas apontam que elas são as maiores vítimas de abusos e atos negativos, o que demonstra a necessidade de acolhimento e de políticas organizacionais de enfrentamento da violência às mulheres no Brasil.

REFERÊNCIAS

- Amaral, G. A. (2018). Escuta clínica do trabalho e (re)significação do sofrimento de professoras readaptadas. [Tese de Doutorado -Programa de Pós-Graduação - Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações]. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Da Costa, R. G., Madeira, M. Z. A., & Silveira, C. M. H. (2012). Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. In 17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero.
<http://www.ufpb.br/evento/index.php/17redor/17redor/paper/viewPaper/56>
- Dejours, C. (2017). Loucura e trabalho: Da análise etiológicas às contradições teóricas (acerca de uma crise asmática). In C. Dejours (Ed.), *Psicodinâmica do trabalho: Casos clínicos* (pp. 19-42). Dublinense.
- Dejours, C. (2019). Sem a possibilidade de se sublimar através do trabalho, é muito difícil conservar a saúde mental. *Revista IHU*, online, n. 525.
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/589735-sem-a-possibilidade-de-se-sublimar-atraves-do-trabalho-e-muito-dificil-conservar-a-saude-mental-entrevista-com-christophe-dejours>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). Visível e Invisível: A vitimização de mulheres no Brasil. *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. 4. ed.
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>
- Freud, S. (1895/1994). A psicoterapia da histeria. In Freud, S. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. II (pp 271-316). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1914/1990). Recordar, repetir e elaborar. In Freud, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XII (pp.193-203). Rio de Janeiro: Imago.
- Freitas, L. G. de, Vieira, F. de O., Ferreira, P. G., & Albarello, B. A. (2022). Editorial Dossiê – Trabalho e Covid-19 no contexto do capitalismo contemporâneo: a devastação dos sujeitos. *Trabalho (En)Cena*, 7, e022020. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e022020>
- Grenier-Pezé, M. (2017). O assédio moral no trabalho: privação da liberdade. In C. Dejours (Org.). *Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos* (pp. 97-115). Porto Alegre: Dublinense.

- Heloani, J. (2022). Trabalho, pandemia e o “contágio da esperança”. Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul (Org.). Psicologia, saúde mental e trabalho na pandemia desafios e perspectivas (pp 38-47). Porto Alegre: CRPRS.
- Heloani, R., & Barreto, M. (2013). Assédio Moral e Sexual. In F. deO. Vieira, A. M. Mendes, Á. R. C, Merlo. Dicionário Crítico de Gestão e Psicodinâmica do Trabalho (pp. 55-60). Curitiba: Evangraf.
- Mendes, A. M. (2007). Psicodinâmica Do Trabalho: Teoria, Método E. Casa do Psicólogo.
- Mendes, A. M., & Araújo, L. K. R. (2012). Clínica psicodinâmica do trabalho: o sujeito em ação. Curitiba: Juruá.
- Merlo, Á. R. C. (2014). Sofrimento psíquico e atenção à saúde mental. In Á. R. C., Merlo, C. G., Bottega & K. V. Perez. Atenção à saúde mental do trabalhador: sofrimento e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho (pp 12-29). Porto Alegre: Evangraf.
- Organização Internacional do Trabalho (2018). Acabar con la violencia y el acoso contra las mujeres y los hombres en el mundo del trabajo. Conferencia Internacional del Trabajo. Genebra: OIT.
<https://www.pensamientopenal.com.ar/index.php/system/files/2017/08/doctrina45591.pdf>
- Soares, P. A., Gregoviski, R. V., Soares, P. J., & Monteiro, K. J. (2022). As repercussões da covid-19 no trabalho em saúde mental e na saúde do trabalhador. *Trabalho (En)Cena*, 7, e022024. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e022024>
- Silva, J. M. S., Cardoso, V. C., Abreu, K., & Silva, L. S. (2020). A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher mãe na pandemia. *Revista Feminismos*, 8(3), 149-161.
<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>
- Silva, M. O. da, Almeida, M, R. de & Schlindwein, V. L. D. C. Escuta clínica do sofrimento-adoecimento psíquico relacionado ao desemprego num serviço de uma Clínica-Escola. (2021) In L. D., Nunes, I. B. T., Tamboril & N. C. R. A., Clasta, (Orgs). Psicologia na Amazônia: formação, vivências e práticas (pp. 175-191). Porto Velho, RO. Temática.
- Soboll, L. A. P. Assédio moral no trabalho. (2015). In P. F. Bendassolli, J. E. Borges-Andrade (Orgs.). Dicionário de psicologia do trabalho e das organizações (pp. 85-94). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tribunal Superior do Trabalho. (2019). Cartilha de Prevenção ao Assédio Moral: Pare e Repare – Por um Ambiente de Trabalho mais positivo. Brasília: TST.
<https://www.tst.jus.br/documents/10157/55951/Cartilha+assédio+moral/573490e3-a2dd-a598-d2a7-6d492e4b2457>

Informações sobre os autores**Vinícius Eduardo Gama**

Endereço institucional:

E-mail: viniciusgamay@hotmail.com**Murilo Carvalho Monteiro**E-mail: crvmurilo@gmail.com**Vanderléia de Lurdes Dal Castel Schlindwein**E-mail: vdalcastel@gmail.com

Contribuição dos Autores	
Autor 1	Curadoria de dados, escrita da primeira redação do artigo, da discussão teórica, da conceituação e análise dos casos apresentados e discutidos - submissão
Autor 2	Curadoria de dados, escrita da primeira redação do artigo, da discussão teórica, da conceituação e análise dos casos apresentados e discutidos.
Autor 3	Revisão do artigo e reescrita, análise formal, conceituação, escrita – revisão e supervisão, validação e visualização da versão final para submissão à revista.